

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2023-02-15

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Matos, M. & Pinto, T.C. (2022). Tributo a Isabel Guerra. In Maria Assunção Gato e Pierre Guibentif (Ed.), *Entre transições: Retrospectivas – transversalidades – perspetivas*. Lisboa: DINÂMIA'CET-Iscte.

Further information on publisher's website:

file:///C:/Users/cmsbl/Downloads/book_hdl25305-1.pdf

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Matos, M. & Pinto, T.C. (2022). Tributo a Isabel Guerra. In Maria Assunção Gato e Pierre Guibentif (Ed.), *Entre transições: Retrospectivas – transversalidades – perspetivas*. Lisboa: DINÂMIA'CET-Iscte.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Texto baseado nas apresentações de Teresa Costa Pinto e Madalena Matos na homenagem prestada pelo DINÂMIA'CET à Professora Isabel Guerra, em 2/06/2021

A personalidade polifacetada de Isabel Guerra, assim como o seu trabalho desmesurado no âmbito da academia e fora dela, torna qualquer texto de apresentação um exercício sempre incompleto e parcial. Limitações que assumimos neste texto onde se pretende ilustrar, a partir das nossas experiências pessoais, alguns dos contributos da Isabel Guerra para a sociologia, para a cidade e, sobretudo, para a concretização, na academia, da difícil e sempre frágil articulação entre a investigação científica, a formação/ensino e a resposta às solicitações que a cidade nos dirige.

Os problemas dos territórios urbanos nos anos 1980-90 constituíam situações hoje inimagináveis. As bolsas de miséria, de marginalidade, de degradação do espaço construído e não construído, que conhecemos hoje, não são comparáveis à situação da metrópole de Lisboa nesses anos.

A Sociologia urbana da Isabel Guerra está orientada, ontem como hoje, nos textos mais académicos e teóricos como nos relatórios de pesquisa empírica ou aplicada, para a intervenção. Para a mudança. Porque tudo requeria e requer mudança: do bairro degradado às novas urbanizações, do centro da cidade às periferias, das classes médias emergentes às populações mais miseráveis da cidade, dos novos aos velhos residentes, dos autarcas aos eleitores, dos cidadãos às políticas públicas, da literacia à qualidade de vida das populações, do rural ao urbano. Na sua intervenção e na reflexão que sobre ela desenvolve, o “urbano” deu lugar ao território como fenómeno social total.

O conhecimento do território nas suas múltiplas dimensões, assim como a urgência da intervenção são, no caso da Isabel Guerra, concomitantes e devedores do trabalho teórico e do rigor metodológico. E também concomitantes e devedores do trabalho de equipa e do prazer do trabalho em equipa. De dinâmicas de trabalho especiais, difíceis de imaginar hoje. Da construção continuada de um centro de investigação – o Centro de Estudos Territoriais (CET) – pioneiro na pesquisa aplicada, na investigação-ação sem que tal tenha apagado a pesquisa fundamental, a construção de uma disciplina académica e o diálogo com outras disciplinas como a geografia, a demografia, a economia, a arquitectura, o urbanismo. Sem que tal tenha apagado o contacto com colegas e equipas de França, Itália, Espanha..., o trabalho de formação de jovens investigadores. E ainda a articulação, central nesses idos anos de 1990, entre investigação e ensino; central porque todos éramos investigadores e objectos de investigação. Feiticeiros e aprendizes de feiticeiro. Não podemos deixar de referir aqui a feliz coincidência, na fundação do CET, de duas personalidades tão diferentes quão complementares como são a Isabel Guerra e o Vitor Matias Ferreira.

Uma experiência passada e que, no entanto, constitui uma sólida base para os desafios com que nos defrontamos na universidade, hoje: a articulação entre investigação e ensino; a articulação entre carreiras de investigadores e de docentes; a internacionalização; a preservação da nossa liberdade de docentes e investigadores no balanceamento entre pesquisa aplicada e pesquisa fundamental que não são, nunca o foram, no CET nem no ISCTE, antagónicos; a defesa deste valor fundamental de que não poderemos abdicar que é o da liberdade de pensar, conhecer e dar a conhecer.

Como parecem ser cada vez mais legíveis e visíveis, ousamos apresentar aqui alguns indicadores quantitativos do currículo da Isabel Guerra. Não serão os indicadores habituais, mas serão indicadores sugestivos da qualidade do seu trabalho.

O trabalho de investigação empírica no CET, isto é, o que deu lugar a, pelo menos, um relatório escrito com o selo CET, entre os anos 1990 e 2015 – excluindo, portanto, a participação em pesquisas realizadas noutras instituições – traduz-se em 51 pesquisas: 35 enquanto membro da equipa de investigação - 24 como coordenadora do projeto - e 16 enquanto consultora. Necessário será dizer que, enquanto investigadora, coordenadora ou consultora, a Isabel Guerra nunca foi simplesmente um nome na capa de um relatório. Pelo contrário: ia ao terreno, analisava informação, lia textos da equipa, indicava bibliografia, discutia resultados.

Nestas 51 pesquisas, a Isabel Guerra trabalhou diretamente com 80 pessoas diferentes. Muitas destas pessoas ficaram ligadas à sociologia ou à cidade, ao território, dentro e fora da academia. A Isabel formou e encaminhou muita gente para o mundo profissional. E muitos dos que arranjaram ganha-pão noutras lides ficaram agarrados ao CET, participando sempre que uma oportunidade surgia.

Outros indicadores são ainda os terrenos de pesquisa que se estenderam por todo o país, do Minho ao Algarve, de Lisboa a Macau, passando por Argel e Luanda.

Os parceiros da atividade de investigação, na qual incluímos aqui encontros sobre resultados de pesquisa, debate de problemas trabalhados etc., são também muitos e diversos. Não os contabilizamos, mas podemos referir alguns: universidades e centros de investigação, juntas de freguesia e câmaras municipais - praticamente todas as da atual Área Metropolitana de Lisboa - EPUL, INH, LNEC, GEBALIS, IHRU, Conselho Nacional de Educação, Instituto de Segurança social e da Solidariedade Social, Comissão coordenadora da região de Lisboa e Vale do Tejo, Associações de municípios, Ministérios e Secretarias de Estado, Santa Casa da Misericórdia, ParqueExpo, ACM / ACIME, INA, UE, através de programas (EQUAL, por exemplo) e redes (IRIS), EAPN (rede europeia anti-pobreza); Associações de profissionais: Associação Regional dos Assistentes Sociais, Associação de Profissionais de Educação de Infância, Associação de Professores para a Educação Intercultural, Ordem dos Engenheiros, Associação Para o Empreendedorismo Social e a Sustentabilidade do Terceiro Sector, Associação dos Quadros Caboverdianos na Diáspora; Banco Alimentar Contra a Fome de Setúbal, Caritas, Centro Social de Palmela, Ciência Viva, Centro Comunitário de Carcavelos, Centro da Juventude de Setúbal, Centro de Formação Rui Grácio, Comissão Nacional Justiça e Paz, Cooperativa Veredas, CRC, CGTP-In, Prima Folia, IN LOCO, Manifesto para um Mundo Melhor, TESE, e muitos outros atores sociais, coletivos ou individuais.

Enfim, para além de outros contributos da Isabel Guerra que não incluímos nesta apresentação - publicações e intervenções em colóquios e outros fora, cargos desempenhados e todas as iniciativas que lhes estão associados a – não queremos deixar de ilustrar esse contributo central que é a articulação entre investigação, ensino e intervenção. O que faremos com base em “discurso direto” da Teresa Costa Pinto, uma entre muitos estudantes e colegas que, desde o início da sua formação, de perto trabalharam com a Isabel Guerra.

a Isabel levou-me, recém-licenciada, para a pesquisa sobre os “Clandestinos”. Já aqui, o seu olhar singular sobre o fenómeno, destacando a motivação para a construção clandestina me surpreendeu. Mais do que uma simples resposta às deficiências do mercado, este movimento materializava um *habitus* residencial enraizado no mundo rural e transportado para o meio urbano, uma espécie de “ruralização do urbano”.

Seguiu-se, de forma mais consistente, a pesquisa sobre os “Modos de vida e apropriação do espaço em Telheiras”. Modos de vida e apropriação do espaço? Então, a sociologia urbana não era sobre a produção do espaço? As políticas urbanas e o planeamento, entendidos como a materialização dos interesses de classe? Sim, mas não só, aprendi depois. A Isabel encaminhou-me, então, para outros terrenos e outras discussões: Touraine e o regresso do ator, Michel Crozier e a relação ator/sistema, Boudon, Pinçon, Chombart de Lowe, os conceitos de apropriação do espaço, de modos de vida e modos de habitar, de sociabilidade urbana, de identidade... Estas duas pesquisas foram fundadoras e pioneiras desta nova abordagem e um marco, como sabemos, na sociologia urbana portuguesa.

Já nos anos 1990, as sucessivas crises de habitação encontravam resposta ou no incentivo à propriedade ou em modelos de realojamento destinados aos mais pobres, em bairros periféricos, isolados, mal servidos e mal equipados. A voz crítica surgiu através do Observatório da Habitação, no quadro do CET, e a Isabel foi a sua porta-voz. Sim, porque “as pessoas não são coisas que se ponham em gavetas”. A mesma voz que foi levada para o Programa Especial de Realojamento (PER).

Foi uma década de estudos na área da habitação, de alertas, de tentativas de influenciar, pelo conhecimento informado e científico, aqueles a quem cabia decidir. Também aqui ficou uma marca da Isabel, que sempre se recusou a entender estas pesquisas como meras prestações de serviços. Creio, aliás, que só esta expressão - prestação de serviços - lhe causava alguma urticária. E a nós, equipas de jovens aprendizes de sociólogos, ela não se cansava de repetir: “meus caros, estas pesquisas têm de ter também um enquadramento teórico. Não podemos ir para o terreno sem saber o que vamos lá procurar!”. E lá íamos nós, desbravando o terreno dos autores, das problemáticas, das múltiplas perspetivas, o terreno onde pouco a pouco fomos edificando o nosso património teórico. E, assim, ainda que tivéssemos de entregar o relatório na Divisão de Habitação ou na Divisão de Obras Públicas da CML, esse relatório começava sempre com o enquadramento teórico! Descobrimos, depois, que a estas pesquisas se chamava investigação-ação e que esta insistência da Isabel refletia não mais do que a sua preocupação e a sua marca de articular reflexão e ação.

A diversidade e multiplicidade de temas e problemáticas, que a Isabel Guerra nos propunha, provoca em mim uma imagem recorrente: reuníamos com a Isabel habitualmente na sala do CET. Quando chegávamos, já lá estava a Isabel e uma equipa, finda a nossa reunião, saíamos, e a Isabel ficava com outra equipa e, se demorássemos um pouco pelo CET, essa equipa saía e a Isabel ficava e entrava mais outra equipa.

A Isabel não deixou apenas uma marca no início da minha carreira, atrevo-me a dizer que a mim, como a tantas e tantos outros, ela modelou a nossa carreira. Não apenas pelos interesses científicos que nos criou, não apenas pelos conhecimentos que nos transmitiu, não apenas pela forma como nos ensinou a sermos críticos e irreverentes, mas também, e muito, pelos princípios e pelos valores que o seu exemplo nos inculuiu.

A Isabel é uma socióloga todo o terreno; é uma socióloga de combate; é uma socióloga ativista, no sentido de pôr todos a mexer, dentro e fora da academia; é uma socióloga sem vergonha.

Todos estamos obrigados, Isabel

Madalena Matos

Teresa Costa Pinto